

---

## **Felicidade e Religiosidade no Youtube: O Ethos das Novas Formas de Crer na Sociedade Midiatizada<sup>1</sup>**

Francys ALBRECHT<sup>2</sup>

Aline Roes DALMOLIN<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **Resumo**

O artigo situa-se no contexto de compreender as religiosidades numa sociedade em vias de midiatização. O objetivo principal é investigar quais sentidos são suscitados no discurso da terapeuta holística Gisela Vallin em dois vídeos de seu canal no Youtube, que fazem referência a diferentes vertentes religiosas e a conhecimentos da área da psicologia. Como referencial teórico-metodológico, utilizam-se os conceitos de ethos e imperativo da felicidade por Freire Filho (2010), os conceitos de religiões secularizadas por Hervieu-Léger (2008), e os pressupostos da análise de discurso de linha francesa (ORLANDI, 2003). Nos vídeos, observam-se duas formações discursivas principais, que compreendem como negativos os sentimentos como raiva e revolta e como positivos os sentimentos como afeto, amor e felicidade.

### **Palavras-chave**

Mídia e religião; religiões secularizadas; felicidade; Youtube; individualismo.

### **Introdução**

Partindo do pressuposto de que vivemos em uma sociedade em processo de midiatização, que se reconfigura de acordo com as lógicas midiáticas, é interessante observar como as novas propostas de contato com o divino, extraterreno e ritos religiosos são adaptados para conquistar fieis e disseminarem suas ideias. Uma característica que pertence a essas novas modalidades do crer é a perda de caráter institucional, pois o indivíduo passa a ocupar o lugar central dessa relação entre humano

---

1 Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religião pertencente ao DT Estudos Interdisciplinares, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, Bacharel em Jornalismo e Graduando em Ciências Sociais pela mesma instituição. E-mail: ar.francys@gmail.com

3 Professora do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Líder do grupo de pesquisa do CNPq Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais. E-mail: dalmoline@gmail.com

---

e divindade e as comunidades vão enfraquecendo-se. Para dar conta desse aspecto das religiões em um Estado secularizado recorro a Hervieu-Léger (2008), que se contrapõe ao pensamento da tendência do desaparecimento da religião no avanço da modernidade.

Essa centralidade no indivíduo é fruto de um movimento individualista que é criado e reforçado pela conjuntura político-econômica de boa parte das sociedades ocidentais orientadas pelo liberalismo. Essa ideologia liberal e de caráter individualizante penetra nas sutilezas do cotidiano dos sujeitos, instaurando novas formas de ser, pensar e sentir. Seguindo essa linha teórica, farei dos conceitos de performance e imperativo da felicidade de Freire Filho (2010) que traz à luz o ideário do ser feliz como metáfora para a obrigação moral do sucesso e do autogerenciamento.

Esta pesquisa se propõe a investigar os sentidos que emergem do discurso da terapeuta holística Gisela Vallin ao classificar quais sentimentos são benéficos e devem compor a personalidade e agência dos indivíduos. Gisela é formada em psicologia e trabalha com terapias alternativas como reiki, banho de ervas, limpezas energéticas, harmonização dos chakras, astrologia, lei da atração, entre outras. O seu canal<sup>4</sup> no Youtube possui 198 mil inscritos e mais de 13 milhões de visualizações, onde são publicados, semanalmente, vídeos que ensinam técnicas de meditação, dicas para conquistar bons relacionamentos através da força do pensamento, explica pelo viés da religiosidade como funciona a mente humana fazendo referências aos termos do campo da psicologia como ego e superego.

Como corpus empírico, foram selecionados dois vídeos de Gisela Valin, que serão observados pela ótica da análise de discurso linha francesa. Neles, a terapeuta explica as diferenças entre agir e reagir ou a diferença entre tomar consciência de problemas estruturais como fome, crise ambiental, desigualdade social e escolher a raiva como sentimento que represente esses desajustes sociais. Para Gisela, a essência do ser humano é divina e cultivar maus sentimentos significa se afastar de quem realmente é. A dimensão religiosa dos vídeos aparece tensionada a partir da perspectiva do processo de dessecularização e do conseqüente surgimento das religiões fragmentadas.

### **Felicidade: O Ethos da Sociedade Ocidental Contemporânea**

---

4 Conteúdo acessado em 02 Jun. 2018, às 11h. Link de acesso: <https://www.youtube.com/user/Givallin>

---

A sociedade ocidental, tal como a conhecemos, em termos de suas lógicas e racionalidade, é reflexo do processo político liberal que orienta as nações, cimentado pela dimensão econômica que reinventa-se constantemente para manter estável e em vigência o capitalismo. O gerenciamento de todo um sistema político-econômico mundial é fruto de uma manutenção minuciosa que penetra nos mais diversos setores da vida social, através da transmissão de uma ética própria.

A vida contemporânea é afetada incessantemente pelas transformações ocorridas ainda no início do século XX, marcadamente no período entre guerras, como a emergência do *American Way of Life* e a explosão dos meios de comunicação e da mídia de massa. No ponto de virada em que as mercadorias deixaram de ser vendidas enquanto necessidades e passaram a ser imagens e desejos, o discurso da felicidade começou a operar e, indo mais longe, passou a ser comercializado. A felicidade nesses moldes diferencia-se do lampejo de alegria, da paz interior, do contentamento coletivo, encontra-se em forma de abstração, cada vez mais individual. Ser feliz, na contemporaneidade, implica no sentimento de adequação aos padrões sociais, uma subjetivação da moral dominante.

As pessoas não sentem-se mais felizes e sim estão (ou não) felizes, dessa forma, felicidade torna-se um estado, um ethos que se manifesta através de características que designam o sujeito feliz como “aparentar-se bem-adaptado ao ambiente, irradiando confiança e entusiasmo, alardeando uma personalidade desembaraçada, extrovertida e dinâmica” (FREIRE FILHO, 2010, p. 17). Para aqueles que não sabem como ser ou tornarem-se felizes, há uma gama de especialistas como livros de autoajuda, *coaching* e terapeutas, médicos e guias religiosos capazes de construir o sujeito nesse ethos da atualidade.

A felicidade apresenta-se como artefato reprodutível, uma forma de otimizar a saúde, as relações interpessoais, o rendimento no trabalho. Portanto, uma pessoa feliz é alguém que se empenha em tornar-se melhor e mais prolífero. Freire Filho (2010, p. 55) afirma que “as novas ciências da felicidade nos ensinam que usufruir de um aumento sustentável em nosso bem-estar subjetivo, é um projeto individual totalmente factível aqui e agora, desde que nos dediquemos, sem jamais esmorecer (...)”.

A essa perspectiva, é possível estabelecer uma ligação com a noção de cuidado de si de Foucault (2002) que consiste no imperativo do sujeito de “ocupar-se consigo mesmo”. Esse autocuidado transforma-se em práticas sociais desenvolvidas como

---

tecnologias, potencializadas e institucionalizadas a ponto de estabelecer-se como um saber. Esse saber se manifesta de maneira universal sobre os seres humanos, entretanto, o seu exercício é individualizado e constante na corrida contra o definhamento das faculdades físicas, emocionais e mentais.

Nesse contexto em que a felicidade passa ser instrumentalizada através de diversas técnicas e áreas de conhecimento, ser feliz passa a ser um investimento em si mesmo. É nesse momento que retomamos o que havia citado no início desta sessão sobre a racionalidade liberal – esta, tão arraigada na esfera social, penetra nas sutilezas do cotidiano, alterando práticas e instituindo uma consciência coletiva. Ser feliz passa a ser um empreendimento, um investimento em técnicas que reproduzam essa felicidade e gere lucros como prosperidade, sucesso e status. Em vista disso, destaca-se a ideia de performance, ou seja, quanto mais os sujeitos empreendem na construção desse ethos, maiores serão seus ganhos.

Birman (2010, p. 34) indica que “o projeto de construção da felicidade humana ultrapassou agora um limiar fundamental e foi enunciado como possível para todos os indivíduos, anunciando então um outro mundo possível”. Não é à toa que a internet tornou-se o espaço fértil para a disseminação de técnicas que auxiliem os sujeitos a tornarem-se mais felizes, produtivos e exitosos. O objeto de estudo desse trabalho é um exemplo disso, visto que o canal Gisela Vallin produz um conteúdo voltado para solução de problemas, ensinando técnicas para ser feliz nos relacionamentos, terapias espirituais para atrair sucesso, amor, elevar a autoestima, superar problemas psicológicos como ansiedade e depressão. Os vídeos da terapeuta apresentam-se como um guia, ao alcance de todos e sem restrições, para alcançar a felicidade, o que supostamente depende apenas no esforço e dedicação da pessoa ao empregar os procedimentos ensinados pela terapeuta.

Freire Filho (2010) explica o ideário da felicidade como um projeto que é orientado por especialistas que prometem reprogramar a mente, no sentido de ensiná-la a focar apenas na felicidade. O sujeito adere a uma nova performance diante das adversidades cotidianas e esforça-se para retirar das situações apenas aquilo que seja positivo para construir sua nova identidade de pessoa feliz. Nesse sentido, há um constante esforço em evitar qualquer circunstância que possa causar desprazer, tornando sua existência cada vez mais individualizada e orientada para si mesmo.

---

Como vimos, a busca por esse estado constante de felicidade é uma construção contemporânea que está intrinsecamente ligada à conjuntura político-econômica. O sistema liberal, segundo Binkley (2010), é o governo através da liberdade, ou seja, é a transferência das responsabilidades do Estado para o próprio indivíduo – este é obrigado a governar a si próprio, mas não à sua maneira, e sim uma liberdade a ser exercida de forma específica e pre-estabelecida. Essa auto responsabilidade modifica as subjetividades coletivas e, cada vez mais, se nota um crescente movimento individualista, de pessoas encarregadas do seu próprio bem-estar.

Tendo em mente essa nova distribuição de tarefas para manutenção do bem-estar social, Binkley (2010, p. 94) afirma que “o discurso da felicidade, portanto, afeta uma subjetivação neoliberal específica”. Nesse sentido, a necessidade de ser feliz é uma necessidade transmitida e não natural, estruturada por um amplo aparato mercadológico de livros, produtos, terapias, consultorias e publicidade. Portanto, parto da hipótese de que, devido ao império dessa racionalidade liberal, o sujeito em si não basta para suprir suas carências existenciais e vai em busca de alternativas que lhe indiquem o caminho mais fácil e seguro para ser feliz, pois “a infelicidade é sinônimo de incapacidade de agir por si próprio” (BINKLEY, 2010, p. 96).

Sendo a felicidade a necessidade algo essencial para o sujeito contemporâneo, canais no Youtube como o da Gisela Vallin ocupam a função que, no passado, era das igrejas, no sentido de orientação e acalento das almas diante das pressões mundanas. Gisela trabalha com uma concepção metamorfoseada de religião, uma apresentação esotérica de técnicas espirituais que guiam, orientam e auxiliam a tomada de decisões desses indivíduos que, qualquer coisa que almejem que não a felicidade, estão fadados ao fracasso.

### **Crenças À La Carte**

Neste trabalho, a dimensão religiosa dos vídeos da Gisela Vallin será tensionada a partir da perspectiva dos processos de secularização e dessecularização e do conseqüente surgimento das religiões fragmentadas. Para Portella (2006, p. 82), “o processo de secularização não é um processo de menos religião, mas de menos instituição, de menos regulação institucional, de menos influência das tradições no seio da sociedade, do Estado, dos indivíduos”.

---

Para começar, relembremos que até o fim da Idade Média a igreja compunha a instituição que detinha o poder de organização, coesão e coação social, além de ocupar a função de guia espiritual, ou seja, ordenava as vidas na terra e preparava os sujeitos para o encontro com o divino. A mudança dessa estrutura ocorreu na medida em que a modernidade avançava e surgia a necessidade de Estado se distinguir da religião, sobretudo pela influência racionalista – a razão no centro de tudo – que orientou não só o pensamento científico, como toda a sociedade. É nesse ponto que há uma bifurcação do conceito de secularização: o primeiro compreende como o fim da religião e o segundo, que iremos adotar nesse trabalho, é de que foi o responsável pelo surgimento de novos movimentos religiosos.

Ao abordar essa perspectiva contraditória da secularização estaremos trabalhando com os conceitos de Hervieu-Léger (2008). Para ela, após o desmoronamento da religião como instituição reguladora, a modernidade surge com a mesma proposta da qual procuravam se opor, ou seja, se colocar como um modelo seguro, infalível de condução da humanidade. Mesmo com os fracassos modernos (como as guerras) a racionalidade, o progresso e a tecnologia continuaram sendo um norte, devido a premissa de que só os frutos da razão podem solucionar o caos de forma assertiva. Percebe-se, então, uma aproximação entre as articulações da religião e modernidade. Nesse cenário de alta racionalização das técnicas de trabalho, das formas de vida, dos problemas causados pela própria modernidade e o afastamento dos sujeitos de sua essência sensível é que emergem movimentos religiosos flutuantes.

Nesse sentido Reinaldo Junior (2009, p. 19) afirma que “é preciso entender que a secularização não deve ser confundida com um processo de encolhimento da esfera religiosa, pois ela – secularização - também é responsável pela disseminação do fenômeno de crenças que nos impõe a ideia das religiões *à la carte*”. Essa nova movimentação da religião se distancia do antigo modelo regulador e se constitui como uma crença subjetiva, individualizada, sem caráter institucional.

A razão que norteia a contemporaneidade suscita muito mais perguntas do que disponibiliza respostas acerca da existência. Devido a essa característica, é possível perceber uma crescente incontinência da sociedade, marcada pelas dúvidas, medos e inseguranças. O acalento, anteriormente provido pelos ensinamentos religiosos, de um futuro extraterreno que compensaria as agruras da vida deixa de existir e é esse motivo da emergência de novas formas de religiosidade que compensem essa carência

---

existencial e espiritual, sem que comprometa a liberdade e os avanços conquistados pela modernidade.

É neste contexto que Hervieu-Léger (2008) propõe o conceito de bricolagem que consistiria no recorte de especificidades de diferentes movimentos religiosos para compor a sua crença, única, personalizada e que se adeque às suas necessidades e expectativas. Essa bricolagem surge como uma nova possibilidade do crer na era moderna que se adeque aos diferentes fluxos culturais, sociais e econômicos pelos quais somos atravessados diariamente e que impõem uma construção e reconstrução das nossas identificações. Trago para esse trabalho o canal de Gisela Vallin como um exemplo desse recorta-e-cola, pois ela constrói um método próprio de terapia, mesclando elementos da psicanálise, budismo, meditação, banhos de ervas, astrologia, passagens da bíblia, espiritismo, entre outros.

Neste cenário, segundo Hervieu-Léger (2008), as técnicas religiosas passam a ser protagonistas. O tempo, tão escasso em nossos agitados e atarefados dias, é uma chave importante, visto que a ideia de frequentar uma comunidade religiosa em dias e horários fixos na semana não se encaixa nas novas rotinas. A técnica é uma característica muito marcante nos vídeos de Gisela Vallin, pois é através deles que ela transmite os procedimentos que garantirão sucesso, felicidade, bons relacionamentos, crescimento financeiro. São ensinadas técnicas muito pontuais, com regras explícitas sob a promessa de infalibilidade.

Há uma transferência de foco do sagrado para o sujeito. Devido à conjuntura político-econômica liberal, cada pessoa passa a ser responsável e capaz de suprir suas próprias necessidades e gerir sua existência. Sendo assim, uma instituição agregadora não representa mais a ordenação social e sim a faculdade racional e individual em construir para si o meu próprio mundo, inclusive, sua crença. Segundo Portella (2006, p. 73), “a religião não termina com a secularização, mas ganha novas formas e contornos, novos sabores, numa dinâmica em que, ao mesmo tempo em que se esgota, se dilui, renasce, ressurg e se difunde”.

O empreendedor de si, em busca de um sentido na vida, da felicidade e, conseqüentemente, o sucesso é o ethos do sujeito moderno que se apodera de fragmentos de identificação cultural, social, religiosa e compõe a sua própria performance. Corrobora Portella (2006, p. 76) ao dizer que “é na ausência de marcos totalizantes que pessoas se sentem impelidas a bricolar o seu universo pessoal de



significações”. Contraditoriamente, a obrigação em se autogerenciar (FREIRA FILHO, 2010) mascarada sob o véu da liberdade incita a construção altamente individualizada de uma mecanismo de orientação, um bússola pessoal.

Nos novos movimentos religiosos secularizados, há uma “emoção do encontro direto com o divino ou sagrado” (PORTELLA, 2006, p. 77), não há mais a necessidade de um mediador entre a entidade e o fiel como nas igrejas. Essa é outra característica que compõem os discursos de Gisela Vallin, pois a terapeuta trata o sujeito como uma partícula de um ser divino, sendo ele capaz de ampliar esse contato ou essa manifestação sagrada dentro dele por meio de limpeza energética, transcendência da mente, meditações. A força do pensamento é a técnica que está por trás de todos os outros procedimentos, visto que, se há ausência de intenção, ou seja, ausência desse sentir-se parte do divino, não há resultado. Para Vallin, qualquer indivíduo pode conquistar qualquer coisa do universo, desde que esteja ciente de que ele faz parte do universo.

### **O Imperativo da Felicidade pela A.D.**

O trabalho sobre o objeto empírico, canal de Gisela Vallin, será realizado por meio da metodologia de análise do discurso de Orlandi (2003). Para a autora, ao trabalhar com discurso, se deve ter em mente três dimensões: a enunciação; a ideologia; e a conjuntura histórica. Portanto, não é possível dissociar o que é dito, das intenções e poderes que motivaram o dizer, tampouco do período histórico em que foi dito, pois são esses elementos que determinam a formação de sentidos. É importante também salientar que a A.D. por Orlandi (2003) não está interessada na busca pela verdade, pois é centrada nos sujeitos e, sendo os sujeitos eles próprios dotados de sentidos, de poder de enunciação, de filiação ideológica e pertencentes à uma história, o objetivo é compreender como um objeto simbólico é dotado de significação para e pelos sujeitos.

Após essa breve introdução sobre o que é A.D, podemos avançar para o que a autora chama de condições de produção. Nesse sentido, Orlandi (2003, p. 31) traz como importante elemento a memória enquanto interdiscurso, ou seja, “todo dizer que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada palavra”. O intradiscurso, por sua vez, corresponde àquilo que dizemos em um dado momento e em determinadas circunstâncias, nunca afastado do contexto.



---

Outro procedimento que Orlandi (2003) propõe à análise do discurso são os esquecimentos. O esquecimento número dois (segundo a ordem utilizada pela autora) é da ordem da enunciação e estabelece uma relação natural sobre o objeto simbólico e o que é dito, como se não pudéssemos dizer algo sem ser com aquelas palavras que pensamos. O esquecimento número dois se dá quando elegemos alguma expressão em detrimento de outra e, ao fazermos isso, não estamos isentos da produção de sentido, pois as palavras utilizadas tem a capacidade de alterar o sentido do que se pretende expressar. No que concerne ao esquecimento número um, este diz respeito à ordem ideológica, é a crença na capacidade de construir um discurso inaugural sobre um tema, dotado de verdade, inédito e que não tenha relação com nenhum outro discurso prévio.

Ainda sobre os procedimentos de análise do discurso, Orlandi (2003) traz três elementos que compõem os mecanismos de formações imaginárias: antecipação que é a capacidade do sujeito se colocar no lugar do interlocutor e tentar prever o que ele compreenderia do que foi dito; as relações de forças que compreendem o sujeito enquanto morada do sentido daquilo que diz e de acordo com o lugar social que ele ocupa; e as relações de sentidos que são as interdependências de um discurso com outros.

Estando esclarecidos os principais conceitos que compõem a A.D. de Orlandi (2003), passamos para a análise em si. Serão analisados dois vídeos do canal no Youtube de Gisela Vallin. O primeiro se chama “A raiva e o Ego”<sup>5</sup> e tem como tema à vingança e a insatisfação aos problemas sociais. O segundo se chama “Entenda como estar no mundo sem ser do mundo: agir x reagir”<sup>6</sup> e se trata de uma resposta a um comentário negativo que foi feito ao primeiro vídeo. A escolha por esse recorte se justifica na medida em que agrega temas que são do domínio de Gisela como espiritualidade, religião, força do pensamento, felicidade e sucesso, além de, nesses exemplares, a terapeuta colocar-se como sujeito, falando das experiências pessoais no processo do que ela chama de elevação da consciência.

### **Gisela Vallin em Ação**

---

5 Conteúdo acessado em 02 de Jun. 2018, às 16h. Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=3RZZeJgZhq4>

6 Conteúdo acesso em 02 de Jun. 2018, às 16h. Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=j9fK68ITivk>

---

O primeiro vídeo, “A raiva e o Ego”, foi publicado em outubro 2014, tem mais de 21 mil visualizações e foi gravado de forma simples, com ela sentada em frente à câmera, com uma pequena mesa às suas costas com papeis, livros e objetos que demarcam a sua ligação a artigos esotéricos como diferentes pedras, uma flor de lótus muito presente nas religiões hindus, velas e gráficos radiestésicos. Nota-se que não há uma produção do ambiente, tampouco iluminação ou tratamento de som profissional, o que nos leva a afirmar que é uma gravação caseira.

Gisela inicia a sua fala contando um episódio que teria acontecido com buda, em que foi provocado para que perdesse seu foco no estado de meditação e, para surpresa de todos, buda não teve reação alguma. O ato da terapeuta recorrer à uma história remete ao que Orlandi (2003) classifica como memória que é dizer algo e ao mesmo tempo rememorar os mesmos sentidos do que foi dito sobre o assunto no passado. Essas relações de sentido (ORLANDI, 2003) são estabelecidas a todo instante, pois no decorrer do vídeo Gisela recorre ao livro de Osho<sup>7</sup> e, conseqüentemente, a toda carga de sentidos que sua vida e obra carregam.

A terapeuta afirma que, embora a sociedade seja composta por desigualdade, “nossa vocação seja o afeto”, aos 2min50seg, e complementa afirmando que “é preciso que exista esse contraste, essa dualidade aqui na terceira dimensão para a gente desenvolver a nossa consciência”, aos 3min05seg. Estes excertos demarcam uma filiação ao discurso liberal da felicidade (FREIRE FILHO, 2010) ao colocar os sujeitos como portadores dessa essência ligada ao bem-estar que deve ser posta em prática e não se abalar perante as adversidades. Quando Gisela afirma que essas desigualdades são necessárias, retoma a lógica do liberalismo que assume cada sujeito como responsável por si, não cabendo às outras pessoas ou instituições uma tutela sobre elas. Esse posicionamento reflete um elemento que Orlandi (2003) sempre chama a atenção para a construção do sentido numa enunciação que é a ideologia. A fala de Gisela provoca efeitos de sentido que remetem ao sistema político vigente em nosso momento histórico.

Aos 3min.50seg., Vallin revela a fonte de suas orientações espirituais que são um mentor amigo e explica: “pra quem não sabe mentor amigo é um espírito da quarta dimensão”. A terapeuta em poucos minutos de vídeo fez menção a buda, Osho e espíritos mentores, além dos artefatos esotéricos que compõe o cenário do vídeo, nesse

---

7 Osho é um líder espiritual, ensina a arte da meditação e prega despertar da consciência, além de possuir diversos livros publicados.

---

sentido, é possível perceber um bricolagem (HERVIEU-LÉGER, 2008) de elementos específicos que compõem a sua visão e vivência religiosa e que estão presentes no seu discurso.

Vallin comenta, aos 4min.05seg., que seu mentor espiritual lhe disse “podem poluir a água, podem poluir o ar (...) não tem problema, isso é periférico”. Novamente, faz referência ao fato de cada sujeito ser capaz de lidar com as adversidades. Por conseguinte, se faz pertinente retomar o entendimento de Binkley (2010) que afirma que essa autorresponsabilização gera uma mudança de consciência coletiva que é transmitida através da ideologia liberal e que, no objeto deste estudo, se encontra sob a forma de discurso pela ótica religiosa.

Quanto às dificuldades comentadas acima, Gisela aos 4min.20seg. diz: “isso faz parte do processo de evolução, de crescimento do planeta, faz parte do grau de consciência das pessoas que estão fazendo isso”. Nessa perspectiva, os impasses da vida são colocados como uma provação, um obstáculo a ser superado, a poluição da água ou do ar são retirados da dimensão social e trazidos para o pessoal. Essa individualização e remodelação de um problema social para um instrumento religioso é muito marcante no que Hervieu-Léger (2008) chama de religiões secularizadas. Outro ponto importante para destacar é quando a terapeuta diz “faz parte do grau de consciência das pessoas que estão fazendo isso”, pois demarca uma distinção entre ela e aqueles que poluem os recursos naturais do planeta. Esse excerto corrobora com a noção de Orlandi (2003) de relações de força que são os sentidos despertados pelo lugar de fala do enunciador, ou seja, Gisela se coloca como uma pessoa instruída por um ser superior e que tem um nível de consciência diferente dos demais e também as relações de sentido que é essa interdependência com outros discursos como o da ideologia liberal e religioso.

Partindo para a finalização do vídeo, Gisela fala sobre o poder negativo da raiva e mais uma vez faz uma menção a Osho, lembrando que ao sentir raiva de algo a dica é meditar, tentar transcender a mente e agir pela espiritualidade. Retomo Freire Filho (2010) quando o mesmo comenta sobre a construção de um eu performático e feliz, negando qualquer sentimento que discorde da felicidade, pois um sujeito que sente raiva, conforme Gisela, é uma pessoa que não tem autonomia sobre si, que nega sua natureza perfeita e sua capacidade de ligação com o divino através da meditação.

### **Gisela Vallin em Reação**

O segundo vídeo, “Entenda como estar no mundo sem ser do mundo: agir x reagir”, foi publicado em outubro de 2017 e, apesar do tempo, se trata de uma resposta ao conteúdo do tópico anterior. Gisela inicia a sua fala comentando que sentiu-se intuída em gravar a mensagem e responder uma pessoa que havia discordado de seu posicionamento em “A raiva e o Ego” acusando Gisela Vallin de induzir as pessoas à passividade. A terapeuta, ao 1min20seg., diz: “Eu respeito o olhar dela, respeito o nível de consciência dela (...), embora o que eu sinto hoje, como minha verdade, é um pouco diferente disso”. Quando Gisela diz “eu respeito o olhar dela”, ela está posicionando-se como a interlocutora que iniciou a conversa, que tem algo a dizer e ensinar, delimita os papéis e evidencia uma relação de poder que Orlandi (2003) classifica como relações de forças.

Seguindo, ao 1min50seg., ela diz: “Eu já fui uma pessoa bastante reativa do passado (...) que achava que o mundo estava contra mim e que as coisas se resolviam na base da revolta”. Nesse momento, Gisela gesticula muito e fala em tom de imitação, em referência àqueles que pensam como ela no passado. Novamente, retoma as relações de força (ORLANDI, 2003) e remete à ideia superação, portanto, hoje tem uma autoridade para expressar e indicar o que é certo. A terapeuta explica que a sua virada de consciência aconteceu ao seguir o lema “foco no afeto”, aos 2min.35, pois onde não existe amor, não existiria consciência. Essa necessidade de negação de sentimentos contrários ao amor, ao afeto, à felicidade, segundo Freire Filho (2010), indica que aqueles que sentem raiva não são capazes de gerenciar sua vida, de ter sucesso, de usufruir da sua liberdade. Quando Gisela afirma que pensava anteriormente como a pessoa que a repreendeu, produz efeitos de sentidos que remetem ao seu progresso, um caso exemplar que souber utilizar o afeto para elevar-se espiritualmente, pois possui um nível de consciência distinto.

Aos 2min.45seg., Gisela afirma que “a nossa verdadeira natureza é amor” e que em nossa sociedade marcada por guerras e disputas, o subversivo, a verdadeira revolta é o amor. Há uma menção à uma natureza divina e pura do ser humano e que entrar em contato com sentimentos negativos como a raiva aos problemas estruturais resultaria num afastamento de nós mesmos. É notável um individualismo (FREIRE FILHO, 2010) muito marcado nesse discurso de voltar-se para si. Faço também menção a Orlandi (2003) quando a mesma afirma que, além da enunciação, a ideologia e a história estão

---

presentes em um discurso. Neste caso, a ideologia liberal e seu propósito individualista e o histórico moderno de guerras e disputas nacionais.

Aos 3min.10seg., ela diz: “Dependendo de quem ouve isso, do nível de consciência de quem ouve isso, a pessoa interpreta assim: ah então eu vou ser um pamonha, trouxa que vou deixar abusar pelos outros”. Gisela utiliza um recurso que Orlandi (2003) classifica como antecipação - colocar-se no lugar do outro, tentar compreender qual será seu entendimento e formular o discurso baseado na hipótese do que o outro pode pensar. A terapeuta, novamente, reforça a relação de força (ORLANDI, 2003) existente entre ela e os interlocutores com um nível de consciência mais baixo que o dela, visto que não concordam ou não compreendem o seu ponto de vista.

Gisela, então, comenta sobre o tema que nomeou o vídeo, a diferença entre agir e reagir. Para ela, agir é estar conectado com a sua essência, portanto, ligado aos sentimentos de amor e afeto; e ao reagir é atuar como um zumbi, distante da essência perfeita. Dessa forma, quem reage, se afasta de si mesmo e o indivíduo perde espaço para a coletividade, o social (FREIRE FILHO, 2010).

Logo após, aos 4min.35seg., ela comenta que “quando você briga contra o mundo você está entrando na mesma frequência energética daquilo que você está brigando. Você se torna aquilo que você critica”. Pela primeira vez, uma menção religiosa é feita, apesar de se tratar de um canal sobre técnicas e terapias espirituais. Dessa forma, nos leva a pensar no fato de que os discursos religiosos das crenças secularizadas (HERVIEU-LÉGER, 2008) estão tão diluídos pelo político e econômico que as noções de sagrado e profano podem ser reorganizadas entorno das dicotomias ação e reação, amor e revolta.

Gisela faz uma menção a Jesus Cristo que seria um exemplo de pessoa que agia e não reagia. Percebe-se, portanto, uma bricolagem (HERVIEU-LÉGER, 2008) de elementos religiosos como uma essência divina, frequências energéticas e cristianismo para legitimar o seu discurso. E, por fim, finaliza afirmando que para mudar o mundo, é necessário mudar a si mesmo, entrar em contato com sua essência e expandir a consciência. Portanto, antes de ser um ser social, segundo Gisela, somos seres individuais, feitos de amor e que ao afastarmos-nos dessa essência, desses sentimentos, estaríamos nos distanciando do que nos constitui enquanto seres humanos.

---

## Considerações Finais

Ao longo deste trabalho foi construído um diálogo entre três proposições teóricas, incluso a metodologia, que deram subsídio para compreender de que forma se articula o discurso de Gisela Vallin quando se trata de uma gestão dos sentimentos. É possível afirmar que a terapeuta alia seus dizeres a uma ideologia liberal que fundamenta a ideia de sujeitos autônomos, autor responsabilizados e empreendedores de si próprios.

Saber gerenciar a raiva, revolta, tristeza e indignação impõe-se como uma obrigação moral e, portanto, permitir a si mesmo sentir estas emoções repreendidas é sinônimo de fracasso. A obrigação de ser feliz, do modo que se apresenta nos vídeos, é camuflada pela religiosidade. Um modalidade de crer secularizada, na qual Vallin propõe uma colcha de retalhos feita a partir de referências de diferentes religiões. Ao longo do seu discurso, menções a líderes espirituais como Osho e Buda são feitas, bem como passagens da bíblia cristã, noções extradimensionais do espiritismo e ideias de frequências vibracionais muito presentes em crenças e religiões espiritualistas como a Umbanda e o próprio Kardecismo.

Foi possível observar que as técnicas ensinadas por Gisela estão muito atreladas as suas próprias vivências, de forma que a sua subjetividade exerce um grande papel na composição de seu discurso. Tendo em mente que o ser humano é a morada do sentido, é impossível dissociar o sujeito Gisela Vallin, seus valores, suas inclinações políticas e apegos morais. Nesse sentido, a crença religiosa pela ótica da terapeuta está fortemente vinculado à uma ideologia, visto a capacidade que um ideal tem de penetrar nas consciências coletivas nas mais diversas formas, orientando, inclusive, a fé.

Em vista do percurso traçado, se constata que o discurso de Vallin dispõe de bases sólidas que o sustentam, por exemplo, a referência a psicologia, a livros sagrados e a imposição de um distanciamento entre ela e o interlocutor. A terapeuta apresenta-se como uma pessoa capacitada para instruir, direcionar as formas de pensar e depositar confiança. Essa estratégia é muito importante na atualidade, pois com tantas possibilidades e vozes midiáticas, é criado um refúgio que não pertence a uma territorialidade mas que, entretanto, acolhe e orienta mais de 198 mil seguidores que assistem seus vídeos em busca de respostas.

## Referências bibliográficas

BINKLEY, Sam. A Felicidade e o Programa de Governamentalidade Neoliberal. In: FREIRE FILHO, João (ORG.) **Ser Feliz Hoje – Reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BIRMAN, Joel. Muitas Felicidades?! O Imperativo de Ser Feliz na Contemporaneidade. In: FREIRE FILHO, João (ORG.) **Ser Feliz Hoje – Reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

FREIRE FILHO, João. A felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: construindo “pessoas cronicamente felizes”. In: FREIRE FILHO, João (ORG.) **Ser Feliz Hoje – Reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 5 ed. Campinas: Pontes, 2003.

2003. PORTELLA, Rodrigo. Religião, Sensibilidades Religiosas e Pós-Modernidade: Da ciranda entre religião e secularização. **REVER Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 2, 2006, pp. 71-87.

REINALDO JÚNIOR, da Silva. Resenha do livro O Peregrino e o Convertido – a religião em movimento. **Revista Sacrilogens**, Juiz de Fora, v6, n1, p.118-130, 2009.